

Ribeirão Preto não esquentava com Collor

Ele fez sucesso durante o dia, num passeio a pé na cidade. Mas à noite se decepcionou: seu comício reuniu só oito mil pessoas. Eram esperadas 20 mil.

As 20 mil pessoas esperadas ontem à noite pelos assessores de Fernando Collor de Mello resumiram-se a apenas oito mil, no primeiro comício do candidato do PRN em território paulista, na cidade de Ribeirão Preto. Aliviados por Collor ter passado bem em seu primeiro teste de rua, durante o dia (quando desfilou em carro aberto, andou a pé no centro, cumprimentou eleitores e tomou chope no restaurante Pingüim), os assessores não conseguiam esconder a decepção com o comício, e culpavam o frio e o festival de blues que acontece na cidade pela pequena presença popular.

Quando o comício começou, às 19 horas (animado por uma dupla sertaneja), muitos ônibus contratados para buscar moradores da periferia retornaram vazios. Os únicos oradores a falar no imenso palanque instalado na esplanda do Teatro Pedro II foram Collor e o deputado federal João Cunha (ex-PMDB, ex-PT, ex-PDT e agora encaminhando-se para o PRN). A linha dos discursos foi de acusações ao governo Sarney.

Pela manhã, porém, o clima era outro. Ao desembarcar no aeroporto Leite Lopes, às 10h12, Collor foi recepcionado pelo prefeito Welson Gasparini (PDC), ligado aos usineiros da região. Também estavam no aeroporto simpatizantes da União Democrática Ruralista (entre os 150 automóveis que engrossaram seu desfile em carro aberto, muitos ostentavam adesivos da UDR). O início da visita, feito na carroceria de uma camioneta (cinco quilômetros do aeroporto até o centro de Ribeirão Preto), foi recebido com frieza pelos pedestres. Para esquentar os ânimos, Collor optou por uma caminhada a pé até a prefeitura e conquistou a simpatia das pessoas acenando e cumprimentando os que encontrava no caminho. Depois, fez a mesma coisa para ir até o escritório do deputado João Cunha. Entusiasmado, andou mais três quarteirões até o Pingüim, na esquina mais movimentada da cidade.

No almoço com 2.500 políticos e empresários da região mais rica do Brasil (com 40 mil bóias-frias e renda per capita de 5.500 dólares), Collor garantiu que estava "muito satisfeito e emocionado com o carinho com que estou sendo recebido em pleno dia de trabalho".

Vigiado

Todos os passos de Collor ontem foram seguidos de perto por um agente do SNI (o Serviço Nacional de Informações que ele promete extinguir quando eleito). Ainda no aeroporto, um senhor de terno azul marinho e fala descontrada apresentou-se a Collor como agente do SNI e colocou-lhe no bolso um rádio de frequência direta com uma estação móvel (que, explicou, permitiria sua rápida localização em caso de seqüestro). Este senhor dirigia um serviço de segurança de 30 agentes da Polícia Civil e 19 da Polícia Federal.

Três horas antes de seu desembarque, eles já tinham dados de que Collor movimentaria 30% da população politicamente ativa da cidade. Informavam que os maçons, com os quais Collor se encontraria, mandam em 95% das atividades econômicas e políticas da região, e que entre eles estão integrantes e simpatizantes da UDR. São dados que o SNI resol-

veu colocar a descoberto depois que passou a ser atacado por Collor: "Agora, vamos ser transparentes", ordenou o chefe do SNI, general Ivan de Souza Mendes, aos 12 agentes fixos e 80 esporádicos em Ribeirão Preto.

Em Brasília, porém, o SNI estranhou a notícia de que um de seus agentes estaria acompanhando Collor. "Não temos guarda-costas à disposição de ninguém", assegurou uma fonte, dizendo que o serviço de segurança é da responsabilidade da Polícia Federal. No entanto, não está fora das atribuições do SNI acompanhar o desenrolar da campanha sucessória, para deixar o presidente Sarney bem informado. Essa atividade, segundo a fonte, é encarada da mesma forma como o Serviço colhe informações sobre uma possível quebra da safra agrícola, atos de subversão e consequências de um acordo financeiro no Exterior.



Collor com Cunha, em Ribeirão: chopinho no tradicional Pingüim.

Epitácio Pessoa/AE